

ECONOMIA SOLIDÁRIA

Cooperativas de Porto Alegre

Catadores de lixo reciclável e costureiras mostram que a organização da economia solidária está formando cadeias produtivas que podem dar outra dimensão ao movimento dos trabalhadores sem patrão.

Nelson Breve 16/08/2004

Brasília – Quando Eliane Nunes Peres se separou do marido, ouviu como justificativa para o fim do casamento a acusação de ser muito calada. Mas, quem a viu representando a Associação de Reciclagem Profetas da Ecologia, de Porto Alegre (RS), no Primeiro Encontro Nacional de Empreendimentos de Economia Solidária, teve impressão contrária. Com uma participação empolgada nos grupos que discutiram o trabalho das cooperativas de catadores de resíduos sólidos, ela se destacou comandando a representação artística realizada para ilustrar o cotidiano do movimento.

*A quem diga olê olê, olê olá
Catador de Norte a Sul, e acolá
Nesta marcha sem parar
Caminhar é refletir
E se unir é reciclar.*

O refrão da marcha dos catadores puxada por Eliane no último dia do encontro contém a explicação para a transformação da personalidade dela nos últimos cinco anos. Após a separação, ela foi morar na periferia da capital gaúcha e se integrou a uma comunidade de catadores de lixo reciclável. Caminhando e puxando o carrinho sem parar pelas ruas de Porto Alegre, ela refletiu e encontrou no cooperativismo solidário o caminho para sua própria reciclagem.

Os 15 sócios mais cinco agregados da Profetas da Ecologia têm hoje uma renda média de R\$ 230,00. Saíram da luta individual pela sobrevivência e encontraram um caminho para agregar valor ao trabalho. Hoje, a Associação comercializa todos os tipos de materiais e está se juntando a outras seis entidades para vender os produtos diretamente às indústrias, saindo dos atravessadores.

A Profetas da Ecologia é uma das 52 associações organizadas que integram a Federação das Associações dos Recicladores de Resíduos Sólidos do Rio Grande do Sul (Farrgs). Fundada em 1998, a Farrgs representa cerca de 2 mil trabalhadores. No fim do ano passado, foi montada uma estratégia de atuação para constituir e fortalecer laços de solidariedade econômica e social entre os galpões

de reciclagem das principais regiões urbanizadas do RS, por intermédio de fóruns regionais, programas de capacitação e atividades de integração.

A lista dos principais desafios começa com a superação da dependência de prefeituras, ONGs e igrejas para estabelecer autonomia e estratégias próprias de viabilização econômica da atividade. Uma das metas do plano é criar centros regionais de comercialização, para potencializar o trabalho coletivo.

A educação é considerada fundamental para o salto de qualidade entre os catadores. A Farrgs está apoiando a construção de uma usina de beneficiamento de materiais recicláveis, que será operada inicialmente pela iniciativa privada. Mas o objetivo é que os catadores sejam formados e preparados para assumir a gestão da usina daqui a cinco anos.

O relato dessa luta é feito pela falante e orgulhosa Eliane, que representa a Farrgs no encontro. Ela ensina que os trabalhadores da economia solidária não podem se calar para conquistar seu espaço na sociedade. “Nós temos que cobrar. Se não cobrarmos, as coisas não saem”.

Economia solidária do algodão à confecção

A história da Cooperativa de Costureiras Unidas Venceremos (Univens) ilustra bem o que aconteceu em milhares de localidades brasileiras, como resposta à crise econômica das duas últimas décadas. Foi fundada por um grupo de mulheres, de 18 a mais de 70 anos, moradoras da Vila Nossa Senhora Aparecida, no bairro Sarandi, em Porto Alegre (RS), para tentar superar o desemprego que achatou a renda familiar. A entrada dos tecidos asiáticos com a abertura de mercado levou milhares de fábricas de confecções à falência e tornou inviável a comercialização da produção de roupas caseiras.

Superaram as dificuldades de fundar uma entidade sem conhecer o mundo do empreendedorismo e montaram um negócio que assegura uma renda mensal entre R\$ 300,00 e R\$ 700,00 aos 22 associados (20 mulheres e 2 homens). Fabricam mais de 10 mil peças por mês, vendidas diretamente a entidades, empresas, escolas e em feiras populares. Começaram a trabalhar no salão comunitário da vila, depois conseguiram recursos do orçamento participativo para construir uma encubadora popular. Esta semana, a sede própria começou a ser construída.

Os contatos feitos nos encontros da economia solidária estão resultando na formação de uma cadeia produtiva para romper com a necessidade de obter matéria prima na indústria da economia formal.

Plantadores de algodão do Ceará vão fornecer a matéria prima para tecelagens paulistas, que fabricarão o fio e o tecido para as costureiras gaúchas. Tudo dentro da cadeia da economia solidária.

“O que mais mudou na nossa vida é podermos ter o direito de acreditar que o amanhã depende da gente e mais ninguém. Não depende de um patrão. Mudou a relação com a cidade, o respeito em casa, a discussão de gênero – mulheres largaram os maridos ao sentir segurança para resgatar a dignidade. As famílias têm muito orgulho das pessoas da cooperativa. Foi se criando um sentimento de solidariedade que nos ajuda muito”, comparou Nelsa Fabian Nespolo, representante da Univens no encontro.

“A marca maior desse encontro é perceber que nós somos pequenos, mas, ao mesmo tempo, somos muito grandes. Estamos espalhados por todos os lugares. Para mudar essa sociedade, tem de distribuir renda. Para isso, tem de mexer nas estruturas da sociedade. Percebemos que nossas dificuldades, necessidades e problemas são os mesmos e a gente consegue ver a luz no fim do túnel”.